

REFUGIADOS UCRANIANOS EM PAUTA: ANÁLISE DA ARQUITETURA INTERNA DE REPORTAGEM DO G1

Gabriel Gomes de Melo¹

Renata Barbosa Vicente²

RESUMO

O trabalho em questão realizou uma análise quantitativa da arquitetura interna de uma reportagem do G1, portal de notícias da Globo, sobre refugiados ucranianos da guerra entre a Rússia e a Ucrânia iniciada no mês de fevereiro de 2022. A análise levou em consideração a ação de linguagem composta pelo contexto de produção físico – lugar de produção, momento de produção, emissor, e receptor – e socio subjetivo – lugar social, posição social do emissor, posição social do receptor, e objetivo; pelo conteúdo temático; e pelos três aspectos que comportam a arquitetura interna do texto – a infraestrutura geral do texto, os mecanismos de textualização e os mecanismos enunciativos. O principal aporte teórico para a análise foi a teoria do Interacionismo Sociodiscursivo, de Bronckart. Pôde-se perceber, principalmente a partir da coesão nominal, do posicionamento enunciativo e do gerenciamento de vozes, indícios de realização de críticas ofensivas a um dos lados da guerra por parte do veículo comunicativo que produz e publica a reportagem; sustenta-se assim que sua construção de sentido torna possível a compreensão de que o agente-produtor do texto toma partido de um dos lados do conflito entre as duas nações do leste europeu.

Palavras-chave: Interacionismo Sociodiscursivo, Linguística Textual, Ucrânia, Rússia, Guerra.

1 Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal Rural de Pernambuco – PE, gabriel208melo@gmail.com;

2 Professora orientadora: doutora, Universidade Federal Rural de Pernambuco – PE, renatab.vicente@gmail.com.

INTRODUÇÃO

No campo de estudo da linguagem, sobretudo no da Linguística Textual, há uma incessante investigação sobre como se realiza a produção textual do sentido (KOCH, 2022). Essa busca está em constante atualização se considerarmos que os seres humanos e suas relações uns com os outros também estão inseridos numa evolução contínua. Bronckart (2007), em sua caracterização da teoria do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), enfatiza que a linguagem está indissolúvelmente relacionada ao processo evolutivo da humanidade; por isso, compreender os processos de significação das interações sociais mediadas pela linguagem é também depreender características intrínsecas à nossa espécie. O que se entende por linguagem, nesse caso, é a capacidade humana de interagir entre si através da palavra, seja ela oral ou escrita.

Bronckart (2007) então sustenta que há, antes de tudo, uma atividade cognitiva nesse processo — mobilizações psicológicas sobre o que será dito, para quem será dito, como será dito etc. Essa atividade de linguagem, por assim dizer, se organiza em textos — a linguagem em sua realização empírica, ou materialmente perceptível. Os textos, por sua vez, diversificam-se em gêneros textuais — modelos de organização de ordem histórica e cultural. Em última instância, os gêneros textuais se fazem por existir através de tipos de discurso — recursos estilísticos de produção textual.

Nesse sentido, o texto é “[...] *toda unidade de produção de linguagem* que veicula uma mensagem lingüisticamente organizada e que tende a produzir um efeito de coerência sobre o destinatário.” (BRONCKART, 2007, p. 71). Essa produção de linguagem, porém, leva em conta múltiplos fatores que estão associados a questões físicas, sociais e subjetivas — os contextos de produção —, além do conjunto de informações que estão nela inseridas, aquilo que está sendo dito — o conteúdo temático. Para o ISD, esses fatores são primordiais para a produção de sentido de um texto, bem como para sua compreensão e análise, e juntas formam uma base de investigação para a arquitetura interna dos textos, partindo do postulado que o texto empírico é constituído por três camadas superpostas, a saber: a *infraestrutura geral do texto*; os *mecanismos de textualização*; e os *mecanismos enunciativos*. Essas camadas são parcialmente hierárquicas — elas tendem a agir umas sobre as outras, como um empilhamento. Entende-se assim que a análise textual proposta pelo ISD opera “[...] apoiada em análises quantitativas das *propriedades lingüísticas*, que permitem identificar as configurações, as estruturas e/ou os mecanismos abordados.” (BRONCKART, 2007, p. 109).

Nosso trabalho em questão se propôs a analisar os elementos da arquitetura interna de uma reportagem do site G1 sobre refugiados ucranianos da guerra entre a Rússia e a Ucrânia. Selecionamos esse *corpus* com o intuito de elucidar valores de cunho sociossubjetivo por ele expresso sobre as duas nações em guerra, uma vez que

[...] descrever uma ação de linguagem consiste em identificar os **valores** precisos que são atribuídos pelo agente-produtor a cada um dos parâmetros do contexto aos elementos do conteúdo temático mobilizado. (BRONCKART, 2007, p. 99)

O trabalho está dividido em três partes subseqüentes: uma breve contextualização da teoria do ISD, seguida da apresentação e análise do *corpus*.

1. POR UM INTERACIONISMO SOCIODISCURSIVO

Tendo surgido no ano de 1980, o intitulado Grupo de Genebra, liderado por Jean-Paul Bronckart, “[...] centrou-se, por mais de uma década, em estudar, numa de suas vertentes, os processos que envolvem a organização estrutural e o funcionamento dos textos.” (STRIQUER, 2014, p. 314). As propostas do ISD estão fortemente baseadas nas teorias de Vygostky e Bakhtin sobre a linguagem enquanto fenômeno social. A teoria tem como objetivo propor uma perspectiva linguística com base na interação entre os seres humanos e leva em conta os aspectos sociais inseridos nesse processo interativo, cujo resultado final é o texto. Assim, para o ISD, os textos devem ser compreendidos como uma prática da linguagem cujos sentidos são construídos sócio-historicamente (BRONCKART, 2007).

Pensando nos caracteres definidores dos seres humanos enquanto espécie entrelaçada ao meio natural em que vive, Bronckart (2007) apresenta duas questões principais para dar início à construção teórica do ISD. A primeira precipitação diz respeito aos traços internos que os milhares de anos de evolução conferem à espécie humana em relação às suas aptidões para a sobrevivência e interação com o meio; a segunda precipitação tem a ver com sua capacidade orgânica de raciocinar sobre a própria existência, um psiquismo ativo e autorreflexivo — pensamento e consciência (BRONCKART, 2007). Tomando a segunda precipitação como sendo mais importante para a teoria, há um resgate, através de Vygostky, à perspectiva marxiana do materialismo

histórico-dialético³. Admite-se também que a evolução das espécies dotou o ser humano de inteligência para criar ferramentas de organização não só do meio natural, mas do social também, e que essa organização ao longo do espaço-tempo criou uma condição sócio-histórica que deságua na sua capacidade de consciência ou autorreflexão.

Dessa capacidade de consciência resulta a linguagem enquanto ação — os seres humanos se apropriam dos papéis sociais que exercem e também das imagens que projetam sobre e entre si (BRONCKART, 2007). Essa apropriação tem por base três tipos de mundos: o *mundo físico*, o *mundo social* e o *mundo subjetivo*. No desenvolvimento do ser humano enquanto indivíduo, a percepção de cada um dos mundos é gradual, assim, primeiro há o entendimento do mundo das coisas, dos objetos físicos; em seguida tem-se a noção das pessoas e de suas relações; e, por último, percebe-se a si mesmo. De um modo geral, pensar nos mundos físicos, sociais e subjetivos, respectivamente, é como pensar numa escola: existe o local físico que compreende o espaço escolar, como as salas e o pátio; há uma relação social entre coordenadores, professores e alunos; e, por último, os sujeitos individuais — cada coordenador, cada professor e cada aluno. A escola só é a escola quando se leva em conta seus aspectos físicos, sociais e subjetivos como um todo, portanto, sem um desses mundos, ela não existe.

O agir comunicativo, a ação de linguagem, tem nos três mundos não só sua base, mas também sua delimitação existencial, quer dizer, o agente-produtor, ao produzir seu texto, baseia-se nos aspectos físicos, sociais e subjetivos em que está inserido e é ao mesmo tempo por eles delimitado (BRONCKART, 2007). Por exemplo, o texto produzido por um professor em uma determinada sala de aula escolar tem uma série de fatores físicos, sociais e subjetivos específicos que influenciam sua produção e, simultaneamente, esses mesmos fatores traçam limites sobre o que é dito, como e para quê.

Durante sua ação de linguagem o agente-produtor se encontra baseado e delimitado por uma série de conjuntos “[...] que podem exercer uma influência sobre a forma como um texto é organizado.” (BRONCKART, 2007, p. 93). Estes conjuntos, portanto, formam o *contexto de produção* que se reagrupam em duas perspectivas: o contexto físico e o contexto sociossubjetivo. Cada uma delas possui quatro parâmetros. Os do contexto físico são: (1) o *lugar de*

3 A teoria do materialismo histórico-dialético considera que o ser humano se desenvolve historicamente à medida que suas ações transformam a natureza, e a compreensão desse desenvolvimento social tem uma orientação dialética que interliga os fenômenos existentes no mundo. (PEREIRA; FRANCIOLI, 2011)

produção — lugar físico em que o texto é produzido; (2) *o momento de produção* — a extensão do tempo no qual o texto é produzido; (3) *o emissor* — quem produz fisicamente o texto na modalidade oral ou escrita, podendo ser uma pessoa ou uma máquina; e (4) *o receptor* — a(s) pessoa(s) que pode(m) perceber ou receber concretamente o texto.

Em relação à segunda perspectiva, a do contexto sociossubjetivo, os parâmetros são: (1) *o lugar social* — em qual instituição ou instância social o texto é produzido, se na escola, família, mídia etc.; (2) *a posição social do emissor* — qual o papel social que o emissor desempenha na interação comunicativa (papel de professor, pai, cliente, diretor etc.), o qual lhe confere o estatuto de enunciador; (3) *a posição social do receptor* — qual é o papel social do receptor (papel de aluno, filho, subordinado etc.), o qual lhe confere o estatuto de destinatário; e (4) *o objetivo* — qual o propósito da interação e qual é, do ponto de vista do enunciador, o(s) efeito(s) que o texto pode produzir no destinatário.

Além do contexto de produção, a ação de linguagem é composta também pelo conteúdo temático que pode ser compreendido como o conjunto de informações que nelas estão explicitamente apresentadas, isto é,

Trata-se de *conhecimentos* que variam em função da experiência e do nível de desenvolvimento do agente e que estão estocados e organizados em sua memória, previamente, antes do desencadear da ação de linguagem. (BRONCKART, 2007, p. 97-98)

Sendo assim, a ação de linguagem, composta pela integração do contexto de produção e pelo conteúdo temático, é como uma base que orienta o agente-produtor a tomar um conjunto de decisões no momento de produção do texto (BRONCKART, 2007).

Soma-se a essa base os diversos gêneros textuais existentes, os quais, para o ISD — via Bakhtin — são como modelos cujo funcionamento o agente-produtor dispõe de um conhecimento prévio e efetivo. Os textos, dessa forma, são produzidos com base nos gêneros textuais, e o uso desses modelos por parte do agente-produtor é estratégico, pois ele deverá selecioná-los de acordo com o objetivo visado na interação comunicativa, considerando também a imagem de si que pretende promover. Assim, além das ações de linguagem, a materialidade textual perpassa os gêneros textuais e também os tipos de discurso. Se os gêneros são os modelos-base pelos quais o agente-produtor estrategicamente seleciona para produzir seu texto, como um panfleto, um *tweet* ou um banner, os tipos de discurso são as linguagens a serem utilizadas, o estilo das produções.

Bronckart (2007) distingue dois grandes tipos de discurso — a narração e a exposição. No primeiro caso, as representações se ancoram no espaço-tempo localizando o texto em um local e momento específico, podendo ser no passado, presente ou futuro. Já no segundo, as representações não se ancoram em nenhuma origem específica, pois os fatos são mostrados, expostos, como se estivessem próximos à ação de linguagem que está em curso, diferente de quando são narrados e parecem estar situados em um “outro lugar”.

Os dois casos, porém, possuem duas classificações em comum: podem ser implicados ou autônomos. Um tipo de discurso implicado quer dizer que o texto mobiliza os parâmetros da ação de linguagem em questão — as condições de produção e o conteúdo temático — e se faz necessário, para poder interpretar o texto, ter acesso a esses elementos. Já um tipo de discurso autônomo, como o próprio nome suscita, possui autonomia em relação aos elementos da ação de linguagem e não requer nenhum conhecimento das condições de produção. Dessa forma, quando o tipo discursivo implicado é de natureza expositiva, temos um *discurso interativo*; quando de natureza narrativa, temos um *relato interativo*. Quando o tipo discursivo autônomo é de natureza expositiva, temos um *discurso teórico*; quando de natureza narrativa, temos uma *narração*. A figura a seguir ilustra melhor o conceito.

Figura 2 – caracterização dos tipos discursivos –

	EXPOR	NARRAR
Implicação	<i>Discurso interativo</i>	<i>Relato interativo</i>
Autonomia	<i>Discurso teórico</i>	<i>Narração</i>

Fonte: adaptado de Bronckart (2007)

2. O FOLHADO TEXTUAL

O que se entende por folhado textual são os três elementos que compõem a arquitetura interna do texto. Esses elementos são hierarquicamente sobrepostos, como camadas numa pirâmide. No nível mais profundo está a infraestrutura geral do texto, seguida dos mecanismos de textualização e dos mecanismos enunciativos.

1. Começando pela camada mais profunda, a infraestrutura textual é composta pelo *plano geral*, referindo-se ao conjunto do conteúdo temático — aquilo sobre o que se fala no texto; em seguida pelo(s) *tipo(s) de discurso* — o(s) estilo(s) utilizado(s); as *articulações entre tipos*

de discurso — caso haja mais de um, como eles se organizam entre si; e a *sequencialidade* — como o texto desencadeia os fatos existentes no *plano geral*.

2. No nível intermediário, os mecanismos de textualização contribuem para o estabelecimento da coerência temática e estão diretamente ligados à linearidade do texto. Aqui se considera a *conexão* — marcas textuais de progressão temática como conjunções, locuções adverbiais, grupos nominais etc.; a *coesão nominal* — mecanismos que tem como função introduzir temas e/ou personagens, bem como garantir sua retomada ou substituição ao longo do texto; e a *coesão verbal* — mecanismos que asseguram a organização temporal e/ou hierárquica dos estados, acontecimentos e ações, sendo essencialmente realizados pelos tempos verbais e por outras unidades de valor temporal.
3. No nível mais superficial, os mecanismos enunciativos contribuem mais para a coerência pragmática do texto, ou seja, para a interação comunicativa propriamente dita. A princípio, tem-se o *posicionamento enunciativo das vozes* — como o que está sendo dito é assumido pelo agente-produtor, como sua voz é expressa e também quais imagens sobre si são apresentadas; e, em seguida, há as *modalizações* — quais são as avaliações que o agente-produtor faz dos fatos que apresenta, bem como os juízos de valor que faz sobre o conteúdo temático abordado.

A seguir faremos a apresentação e análise do nosso *corpus*. Destacamos antecipadamente que ao texto original estão anexadas três imagens e um vídeo. Optamos, porém, apenas pela análise da linguagem verbal escrita.

3. ANÁLISE DO CORPUS

Número de refugiados fugindo da guerra na Ucrânia ultrapassa 6 milhões

Segundo a agência para refugiados da ONU, essa é a pior crise migratória da Europa desde o fim da Segunda Guerra Mundial.

Por g1

12/05/2022 12h35 - Atualizado há um mês

1. O número de pessoas que fugiram da Ucrânia para escapar da invasão da Rússia passou de 6 milhões na pior crise de refugiados da Europa desde o fim da Segunda Guerra Mundial, disse a ONU nesta quinta-feira (12).

2. A invasão da Rússia, que começou em 24 de fevereiro, desencadeou um deslocamento maciço de pessoas, incluindo mais de 8 milhões de ucranianos dentro do país. Dados da ONU mostraram que 6,03 milhões haviam fugido da Ucrânia até quarta-feira.
3. A maioria cruzou para a União Europeia através de pontos de fronteira na Polônia, Eslováquia, Moldávia, Hungria e Romênia.
4. **Refugiados no Brasil**
Há quase dois meses, Guarapuava, na região central do Paraná, acolhe e impulsiona a reconstrução de 36 refugiados da guerra da Ucrânia. Entre eles está Iuri Martynchuk, que era empresário no país europeu e conseguiu a dispensa da guerra por ter quatro filhos pequenos.
5. **“Somos gratos primeiramente a Deus, mas estendemos essas bênçãos para todas as pessoas da igreja [voluntárias] e a todas em geral, que se envolveram com a vida dos refugiados e que tem nos atendido da melhor forma possível”.**
6. As primeiras famílias chegaram ao estado em 20 de março, com visto humanitário. Desde então recebem apoio, principalmente, de voluntários de uma rede mundial de igrejas.
7. **Relatos dos refugiados**
Milhares de ucranianos deixaram o país rumo a algumas nações na Europa.
8. Olga Tarasenko, uma refugiada ucraniana que chegou à Romênia em abril disse que decidiu sair do seu país porque temia pela sua vida:
9. **“Eles queriam nos matar, como fizeram em Mariupol, em Bucha, em Hostomel”, disse Olga Tarasenko. “Eles não são boas pessoas”.**
10. A declaração foi dada logo após ela atravessar a fronteira com outros ucranianos.
11. **“A tropas russas são cruéis contra os ucranianos, eles estupram as mulheres, matam as crianças”, disse Irina, outra refugiada que estava fugindo com seu filho. “Isso nos deixou muito assustados, então tivemos que sair da Ucrânia, para outro país. Infelizmente.”**
12. Assim como Olga, vários outros refugiados ucranianos relatam abusos do exército russo no processo de invasão ao território.

A princípio, importa-nos delimitar três valiosos elementos que precedem a análise da arquitetura interna do texto, os quais abordamos ao longo do tópico anterior, a saber: o gênero textual, o contexto de produção e o conteúdo temático — apesar destes dois últimos não serem de todo importante para análise do texto por se tratar de uma narração autônoma, o que explicaremos mais adiante.

O *gênero textual* em questão é a reportagem, de circulação muito comum no meio midiático, e que costuma estar sempre baseada em “[...] declarações e opiniões de especialistas no assunto, pessoas envolvidas no fato, material de arquivo consultado pelo jornalista; além de pesquisas, que podem atribuir credibilidade à reportagem.” (MIRANDA; SANTOS, 2010, p. 53).

Em relação ao *contexto de produção*, evidenciamos que o lugar de produção se trata do meio digital, um *site* na internet – o g1. Por momento de produção entendemos ser o momento de publicação do texto, o qual, segundo informação contida no próprio texto, ocorreu no dia 12 de maio de 2022, às 12 horas e 35 minutos. Não há informações no texto que atribuam sua autoria a um agente-produtor enquanto pessoa, pelo contrário, evidencia-se o próprio g1, a instituição, que, por sua vez, é um portal de notícias do Grupo Globo. Não tendo acesso à pessoa física produtora do texto, e com base nessa própria escolha do portal em assinar não como um de seus jornalistas enquanto emissor do texto, mas sim o próprio portal de notícias, compreendemos que o enunciador, ou seja, o emissor no exercício de seu papel social, seja mesmo o g1, levando em consideração todo seu corpo administrativo. Por receptor do texto, visualizamos ser qualquer pessoa com acesso ao meio de divulgação do texto, a saber, a internet. Tratando-se de uma reportagem, julgamos que os principais destinatários sejam jovens e adultos interessados pelo tema. O objetivo, à primeira vista, é reportar a situação geral dos refugiados ucranianos – sob o contexto da guerra entre a Ucrânia e a Rússia – com destaque para os que se deslocaram para o Brasil.

Por fim, o *conteúdo temático*, de maneira geral, diz respeito à guerra entre a Ucrânia e a Rússia, nações do continente europeu, iniciada em fevereiro de 2022 e que, no momento de publicação do texto a ser analisado, continuava em curso. De maneira mais específica, o tema do texto aborda os refugiados da guerra na evasão do território. A partir disso, é estabelecida uma divisão entre os refugiados que permaneceram em países do continente europeu e os que se deslocaram para o Brasil.

Partindo agora para a análise propriamente dita, começemos pela infraestrutura geral do texto, o nível mais profundo. Em primeiro lugar, temos o *plano geral* que se dá da seguinte maneira:

- a. Apresentação inicial sobre a situação dos refugiados (título, subtítulo e par. 1);
- b. A invasão da Rússia como causa da fuga dos refugiados (par. 2);
- c. Os destinos dos refugiados (par. 3, início do par. 4, e par. 7);
- d. Situação dos refugiados no Brasil (início do par. 4 e par. 6);
- e. Relatos dos refugiados (par. 5, 9 e 11);
- f. Comentários sobre os relatos dos refugiados (par. 8 e 10); e
- g. Comentário final (par. 12).

Como *tipo de discurso* temos somente um narrar autônomo – a narração. Apesar da citação a trechos (par. 5, 9 e 11), não há um relato interativo porque o discurso ocorre de forma autônoma, sem haver nenhum diálogo, considerando que só há um agente-produtor no texto. Os trechos citados, portanto, não são de outros agentes-produtores, mas sim de personagens, como veremos mais adiante na coesão nominal. Assim, havendo somente um tipo de discurso, não é possível avaliar as articulações entre os tipos de discurso.

Para finalizar a análise da camada mais profunda, observamos a *sequencialidade* do texto como sendo organizada da seguinte maneira:

- a. Exposição inicial (título, subtítulo e par. 1);
 - a1. Apresentação do problema (título e subtítulo);
 - a1. Reapresentação do problema (par. 1);
- b. Causalidade (par. 2);
- c. Consequências (par. 3, início do par. 4, início do par. 6, e par. 7);
 - c1. Consequência primária (par. 3 e 7);
 - c1. Consequência secundária (início do par. 4 e início do par. 6);
- d. Atenuação da consequência secundária (início do par. 4 e final do par. 6);
- e. Citações (par. 5, 9 e 11);
- f. Acréscimo às citações (par. 8, 9, 10 e 11); e
- g. Conclusão (par. 12).

Partindo para a segunda fase, a dos mecanismos de textualização, notamos alguns elementos de *conexão* entre as fases sequenciais vistas anteriormente, a saber:

- *O número* (par. 1) → articulação entre a fase *a.1* e a fase *a.2*;
- *A invasão* (par. 2) → articulação entre a fase *a* e a fase *b*;
- *para* (par. 3) → articulação entre a fase *b* e a fase *c*;
- *no Brasil* (par. 4) → articulação entre a fase *c.1* e a fase *c.2*;
- *acolhe e impulsiona* (par. 4) → articulação entre a fase *c.2* e a fase *d*;
- *Entre eles* (par. 4) → articulação entre a fase *c.2* e a fase *e*;
- *uma refugiada ucraniana* (par. 8) e *outros ucranianos* (par. 10) → articulações entre a fase *c.1* e a fase *e*;
- *disse que* (par. 8), *disse Olga* (par. 9), *logo após* (par. 10) e *disse Irina* (par. 11) → articulações entre a fase *e* e *f*; e
- *vários outros* (par. 12) → articulação entre as fases *f* e *g*.

Dando sequência aos elementos do nível intermediário, a seguir apresentaremos alguns dos elementos de *coesão nominal* encontrados no texto, aqueles nos quais julgamos ter maior importância, visto que há muitos e sua exposição completa seria desnecessária. Seguem:

- Título → introdução do personagem *refugiados*;
- Título → introdução do tema *guerra na Ucrânia*;
- Subtítulo → introdução do personagem *ONU*;
- Subtítulo → introdução do tema *a pior crise migratória da Europa*;
- Par. 1 → retomada do tema *guerra na Ucrânia por invasão da Rússia* (reiteração por sinonímia);
- Par. 1 → retomada do tema *pior crise migratória da Europa por pior crise de refugiados da Europa* (reiteração por sinonímia);
- Par. 1 → retomada do personagem *ONU* por *ONU* (reiteração por repetição);
- Par. 2 → retomada do tema *guerra na Ucrânia por invasão da Rússia* (reiteração por repetição);
- Par. 2 → retomada do personagem *refugiados* por *peessoas* (reiteração por sinonímia);
- Par. 2 → retomada do personagem *refugiados* por *mais de 8 milhões de ucranianos* (reiteração por sinonímia);
- Par. 2 → retomada do personagem *ONU* por *ONU* (reiteração por repetição);
- Par. 4 → introdução do personagem *Refugiados no Brasil*;
- Par. 4 → retomada do personagem *Refugiados no Brasil* por *36 refugiados da guerra da Ucrânia* (reiteração por sinonímia);
- Par. 4 → retomada do personagem *Refugiados no Brasil* por *eles* (substituição pronominal anafórica);
- Par. 4 → retomada do personagem *Refugiados no Brasil* por *Iuri Martynchuk* (reiteração por hiperônimo);
- Par. 4 → retomada do tema *guerra na Ucrânia* por *guerra* (reiteração por sinonímia);
- Par. 6 → retomada do personagem *Refugiados no Brasil* por *As primeiras famílias* (reiteração por sinonímia);
- Par. 7 → retomada do personagem *refugiados* por *Milhares de ucranianos* (reiteração por sinonímia);
- Par. 8 → introdução da personagem *Olga Tarasenko*;
- Par. 8 → retomada da personagem *Olga Tarasenko* por *refugiada ucraniana* (reiteração por hipônimo);
- Par. 9 → sucessão do personagem *As tropas russas* por *Eles* (substituição pronominal catafórica);
- Par. 9 → retomada do personagem *As tropas russas* por *eles* (reiteração por repetição);
- Par. 10 → retomada do personagem *refugiados* por *outros ucranianos* (reiteração por sinonímia);
- Par. 11 → introdução do personagem *As tropas russas*;
- Par. 11 → introdução da personagem *Irina*;
- Par. 11 → retomada da personagem *Irina* por *outra refugiada* (reiteração por sinonímia);
- Par. 12 → retomada do personagem *refugiados* por *vários outros refugiados ucranianos* (reiteração por sinonímia);
- Par. 12 → retomada do personagem *As tropas russas* por *exército russo* (reiteração por sinonímia)

Finalizando os mecanismos de textualização, passemos à análise dos elementos de *coesão verbal*. A princípio é possível visualizar *ultrapassa* e *é*, presentes respectivamente no título e no subtítulo, ambas formas verbais conjugadas no presente do indicativo. Quando avançamos um pouco mais, no entanto, o tempo verbal muda para o pretérito perfeito, como podemos observar em *fugiram*, *passou* e *disse*, no primeiro parágrafo. A marcação de local e momento é uma das características principais da narração enquanto tipo de discurso, uma

vez que ela delimita os fatos a uma certa origem espaço-temporal em relação ao agente-produtor que, nesse caso, é absoluta, sem margem para diferentes interpretações, como reforça o dêitico *nesta quinta-feira* (12), primeiro parágrafo, as locuções adverbiais *24 de fevereiro*, no segundo, e *20 de março*, no sexto, além do substantivo *abril*, no oitavo. Ainda sobre elementos temporais, temos *12/05/2022 12h35*, exibido após o subtítulo e que marca a data e a hora de publicação do texto. As ações continuam sendo narradas no pretérito perfeito até o quarto parágrafo, quando temos *acolhe* e *impulsiona*, ambos no presente do indicativo, porém exercendo a função de um presente histórico, o qual serve para destacar fatos ocorridos no passado, apesar de descrever a ação a partir do tempo presente. Outra ruptura ocorre no último parágrafo, em *relatam*, mais uma vez enfatizando eventos passados a partir da narração em um tempo presente.

Prosseguindo, veremos agora os mecanismos enunciativos, a começar pelo *posicionamento enunciativo e vozes*. A princípio, temos no texto um autor empírico, um agente-produtor, que é o g1. Sua voz é a do narrador, a qual predomina no texto como um todo. O g1 também assume o que está sendo enunciado na maior parte do texto, havendo uma atribuição dessa responsabilidade a terceiros quando cita o personagem ONU (subtítulo, par. 1 e 2). Por fim, o g1 faz citações aos personagens *Iuri Martynchuk* (par. 4), *Olga Tarasenko* (par. 8 e 9), e *Irina* (par. 11). Temos então três vozes no texto: a do autor empírico (g1); a voz social de uma instituição exterior ao texto (ONU); e as vozes dos personagens que estão diretamente implicadas no texto através de citações (*Iuri Martynchuk*, *Olga Tarasenko* e *Irina*).

Por fim, temos as *modalizações*. Localizamos apenas um tipo ao longo do texto, a modalização apreciativa, que traduz um julgamento de valor mais subjetivo sobre os fatos. Primeiro temos a modalização *pior crise migratória da Europa* (subtítulo) e na reiteração *pior crise de refugiados da Europa* (par. 1), sendo em ambos os casos atribuída à voz social do personagem ONU. As próximas modalizações são todas atribuídas às vozes dos personagens diretamente implicados no texto — *Iuri Martynchuk*, *Olga Tarasenko* e *Irina*, respectivamente) através das citações: *melhor forma possível* (par. 5); *eles não são boas pessoas* (par. 9); e *As tropas russas são cruéis* (par. 11).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise quantitativa da arquitetura interna que realizamos em nosso *corpus*, pudemos identificar alguns valores atribuídos pelo seu agente-produtor, o g1. O gênero textual reportagem e o tipo de discurso narração

forneceram aqui uma certa liberdade para formular o posicionamento enunciativo de forma autônoma, porém utilizando-se de citações a outras vezes para reforçar o objetivo que, à princípio, é reportar a situação dos refugiados ucranianos da guerra entre Ucrânia e Rússia, com destaque para os refugiados que vieram para o Brasil. Pudemos perceber, no entanto, que há um outro objetivo a ser compreendido.

O primeiro indício desse objetivo implícito, por assim dizer, está na introdução do tema *guerra na Ucrânia* no título e sua retomada por *invasão da Rússia*, no primeiro parágrafo, seguida de outra retomada com a repetição do termo *invasão da Rússia*, no segundo. Troca-se então *guerra na Ucrânia* por *invasão da Rússia* e repete-se a troca. O fato de ser uma reiteração por sinonímia quer dizer que ambos os termos são utilizados como tendo um significado similar, no entanto, vemos essa prática como um indício de posicionamento enunciativo do agente-produtor condenando a Rússia, tratando-a como causa da situação inicialmente abordada no texto – os refugiados ucranianos.

Em seguida, destacamos a manutenção do personagem *refugiados*. Ele é introduzido logo no título e retomado no segundo parágrafo duas vezes, uma por *pessoas* e outra por *mais de 8 milhões de ucranianos*. No sétimo parágrafo é novamente retomado, agora por *Milhares de ucranianos*, sendo uma última vez retomado no décimo parágrafo, por *outros ucranianos*. Aqui também há reiterações por sinonímia – todos os termos são apresentados com significado igual a *refugiados*. Os *refugiados* são *pessoas*, e há *milhares* e *milhões de ucranianos* em situação de refúgio, por conta da *invasão da Rússia*.

Durante a citação da personagem *Olga Tarasenko*, no nono parágrafo, há a sucessão do personagem *As tropas russas*; neste caso, há uma catáfora, ou seja, primeiro aparece o pronome *elas* e só depois se apresenta o que *elas* significa – *As tropas russas*, décimo primeiro parágrafo. É interessante notar que este personagem aparece primeiramente a partir das vozes das personagens citadas para só então, no décimo segundo parágrafo, ser retomado pela voz do autor empírico, dessa vez como *exército russo*.

Sustentamos então que há uma relação hierárquica, possível de ser percebida a partir da arquitetura interna do texto, que interrelaciona *invasão da Rússia* → *exército russo* → *refugiados*. Para o g1, os russos, seu exército e tropas são *elas*, *invasores*, enquanto os refugiados são *pessoas*, são *milhares* e *milhões*. A construção de sentido do texto está assim intimamente ligada aos valores da narração realizada pelo agente-produtor, que gerencia sua voz e posicionamento enunciativo com suporte a outras por ele selecionadas e citadas. No contexto do tema abordado, há uma crítica realizada a um dos lados da guerra, e ela aparenta sair em defesa dos ucranianos e em ataque aos russos.

REFERÊNCIAS

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos** — Por um interacionismo sociodiscursivo. 2. ed. São Paulo: Educ, 2007.

G1. **Número de refugiados fugindo da guerra na Ucrânia ultrapassa 6 milhões.** Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/ucrania-russia/noticia/2022/05/12/numero-de-refugiados-fugindo-da-guerra-na-ucrania-ultrapassa-6-milhoes.ghtml>. Acesso em: 20 jun. 2022.

KOCH, Ingedore Villaça. **Introdução à Linguística Textual.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2022.

MIRANDA, C. I. Dutra de; SANTOS, Juliana Silva. O gênero jornalístico e o ensino: reflexões sobre reportagem na mídia impressa e no livro didático. **Ao Pé da Letra**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 51-67, 2010.

PEREIRA, João J. B. J.; FRANCIOLI, Fatima A. de Souza. Materialismo histórico-dialético: contribuições para a teoria histórico-cultural e a pedagogia histórico-crítica. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Londrina, v. 3, n. 2, p. 93-101, dez. 2011.

SILVA, Maria Cecília; KOCH, Ingedore. **Linguística aplicada ao português: sintaxe.** 12. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

STRIQUER, Marilúcia dos Santos Domingos. O método de análise de textos desenvolvido pelo Interacionismo Sociodiscursivo. **Eutomia**, Recife, v. 14, n. 1, p. 313-334, dez. 2014.